

A PSICOLOGIA ESCOLAR E A PROMOÇÃO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

THE SCHOOL PSYCHOLOGY AND THE PROMOTION OF SOCIOEMOTIONAL SKILLS

Raquel da Silva Rosas¹

Recebido em 23/04/2024

Aprovado em 12/07/2024

RESUMO

A escola é uma das instituições mais importantes na socialização do ser humano, por isso precisa preparar o indivíduo para estabelecer vínculos sociais ao longo da vida. As habilidades socioemocionais são essenciais nesse processo. O objetivo deste estudo é contribuir para a promoção das habilidades socioemocionais, mais especificamente se tratando da atuação da psicologia aplicada ao contexto escolar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tomando-se como base livros especializados, artigos científicos e outros materiais de nacionalidade brasileira, escritos em português e indexados em sites reconhecidamente científicos. A pesquisa permitiu compreender que a escola é um espaço privilegiado para a promoção das habilidades socioemocionais, tendo em vista a integralidade do sujeito. Após apresentar momentos do desenvolvimento histórico e definições, o estudo apontou para os desafios e possibilidades de atuação do Psicólogo Escolar. O Psicólogo Escolar pode atuar na formação continuada de professores, diretamente com os alunos, mas também em conjunto com seus familiares. É necessário, além disso, dirigir-se as próprias práticas institucionais, considerando seus atravessamentos históricos e políticos. Assim, as habilidades socioemocionais não devem ser tratadas apenas como temática curricular, mas como um aspecto da dimensão constitutiva do ser humano que perpassa todos os ambientes e momentos das instituições educacionais.

Palavras-Chave: Habilidades Sociais. Socioemocional. Psicologia Escolar. Interacionismo. Formação continuada de professores.

ABSTRACT

The school is one of the most important institutions on the socialization of the human being, that is why it needs to prepare the individual to establish social bonds throughout life. The socioemotional skills are essential in this process. The purpose of this study is to contribute to the promotion of the socioemotional skills, more specifically when it comes to psychology applied to the school context. It is about a bibliographic research, using specialized books as foundation, scientific articles and other materials of brazilian nationality, written in brazilian portuguese and indexed in recognizably scientific sites. The research allowed to comprehend that the school is a privileged place to the promotion of socioemotional skills, taking into account the integrality of the individual. After presenting moments of historical development and definitions, the study pointed to the challenges and possibilities of acting from the School Psychologist. The School Psychologist can act on the continuing education of teachers, directly with the students, but also together with their relatives. It's necessary, furthermore, to address their own institutional practices, considering their historical and political crossings. Therefore, the socioemotional skills should not be treated only as curriculum theme, but as an aspect of the constitutive dimension of the human being that permeates all environments and moments of educational institutions.

Key-words: Social Skills. Socioemotional. School Psychology. Interactionism. Continuing education of teachers.

¹ Graduada em Psicologia, Universidade Veiga de Almeida (UVA) – Campus Cabo Frio. Pós-Graduada em Psicologia Escolar e Educacional, Faculdade Iguazu, e-mail: rakrosas@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A escola é uma das instituições mais importantes na socialização do ser humano, ou seja, ela constitui um espaço de transmissão da cultura e dos saberes presentes na sociedade, mediando a relação da criança com o mundo. Bock, Furtado e Teixeira (1999, p.261) esclarecem que: “Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança ‘humanize-se’, cultive-se, socialize-se ou, numa palavra, eduque-se”. A criança, então, vai conhecendo novos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando o seu repertório social e aculturação para além dos limites do núcleo familiar.

Nesse contexto, a escola precisa preparar o indivíduo para a vida onde ele precisará estabelecer vínculos sociais respeitosos e de qualidade. As habilidades socioemocionais são essenciais nesse processo, impulsionando as pessoas para as amizades, a comunicação, a assertividade, a tolerância, entre tantas situações e necessidades que atravessarão o amadurecimento psíquico do sujeito. Cabe reforçar que na escola os ganhos do desenvolvimento de habilidades socioemocionais não se limitam às esferas acadêmica e cognitiva, mas incluem a saúde mental e a qualidade do próprio ambiente educacional.

No entanto, há muitos desafios para uma mudança de paradigmas na escola se efetivar. Apesar da Base Nacional Comum Curricular – BNCC reconhecer a necessidade de se adotar uma perspectiva integral do sujeito para a educação, a realidade do ensino brasileiro ainda está distante. As denúncias das desigualdades entre a educação pública e a privada são antigas e constantes, de forma que grande parte das escolas públicas funciona de forma precária, sem os recursos que viabilizariam projetos de formação de habilidades socioemocionais no ambiente escolar, reconhecendo-os como uma questão prioritária. Além disso, o psicólogo escolar ainda não se encontra presente na maioria das unidades educativas, situação que se agrava na rede pública, e os professores precisam de contínua capacitação para lidarem com essas demandas.

O assunto foi escolhido pelo interesse em compreender a relação entre as habilidades socioemocionais, responsáveis pelo desenvolvimento da saúde mental em crianças e adolescentes no contexto escolar e pela construção de vínculos sociais saudáveis e como o psicólogo escolar pode atuar a partir dessa perspectiva. A questão que se coloca é: Qual a relevância da promoção das habilidades socioemocionais na escola e quais as contribuições da psicologia?

O presente trabalho tem por objetivo contribuir para promoção dessas habilidades, mais especificamente se tratando da atuação da psicologia aplicada ao contexto escolar. Pretende-se compreender a importância dos aspectos afetivos e emocionais no desenvolvimento de crianças e adolescentes a partir da psicologia

interacionista e quais as mudanças trazidas ao olhar sobre o aluno, o papel da escola e a própria psicologia escolar. Em seguida, conhecer as habilidades socioemocionais e o porquê de promovê-las na escola, baseando-se em resultados de pesquisas e estudos sobre os ganhos relacionados a aquisição dessas habilidades. Por fim, refletir sobre o papel da escola e dos professores como protagonistas nesse processo, sendo a Psicologia Escolar um importante articulador com possibilidades de atuação junto ao corpo estudantil e na capacitação da equipe escolar.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, tomando-se como base livros especializados, artigos científicos, monografias e outros materiais de nacionalidade brasileira, escritos em português e indexados em sites reconhecidamente científicos. Destacam-se os(as) autores(as) Abed, Del Prette e Del Prette, Canettieri e Paranaíba e Versuti, que contribuem juntamente com os outros citados ao longo desta pesquisa.

INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS

Behaviorismo

Revisitando a história da psicologia percebe-se que a Psicologia, desde seus primórdios, esteve atrelada, principalmente, a indústria e a educação. Viana (2016) afirma que a educação foi o principal contexto para a expansão e desenvolvimento da psicologia. No entanto, essa história possui uma estreita ligação com os interesses dos grupos dominantes, que tinham a educação como um meio de produzir trabalhadores bem adaptados e gerar produtividade para o modelo fabril e capitalista moderno. Assim, a psicologia foi aliada na ampliação da capacidade de controlar a produtividade das pessoas.

Bock, Furtado e Teixeira (1999) esclarecem que no início do sec. XX surgia uma abordagem teórica nos EUA que prometia a possibilidade de controle das variáveis do comportamento. O termo *Behaviorismo* foi usado primeiramente pelo psicólogo americano John B. Watson em 1913, no português a palavra é traduzida para *comportamentalismo*. Logo, suas técnicas foram adentrando as instituições educativas.

As teorias behavioristas ganharam espaço rapidamente na aprendizagem escolar, tendo como objetivo alcançar comportamentos apropriados dos alunos, ou seja, por meio do reforço e punição o comportamento vai sendo modelado. Se a resposta emitida for a desejada o aluno é recompensado, caso contrário, punido. A herança desse período foi a visão do aluno como apenas um reprodutor de informação e tarefas. O aluno não desenvolve a sua criatividade, pois a aula é completamente centrada no professor que controla todo o processo, distribui as recompensas e,

eventualmente, a punição. Por fim, o educador aplica a lição e o aluno, com sua capacidade mental de acumular e armazenar, no fim, deve reproduzir o que foi ensinado. Nessa lógica, o aluno tem um papel cognitivo meramente passivo (VASCONCELOS, PRAIA & ALMEIDA, 2003). As habilidades socioemocionais não eram, nessa dinâmica, sequer consideradas como conteúdos a serem abordados no processo de escolarização.

Bases interacionistas para a Psicologia Escolar

As últimas décadas trouxeram mudanças na concepção do ser humano e no papel social da escola ocorridas, tornando-se necessário repensar as relações e práticas escolares. Abordagens interacionistas e mais integrativas começaram a abrir possibilidades para subsidiar um novo fazer, tanto da instituição, quanto por parte do(a) psicólogo(a) escolar.

Dessa forma, a Psicologia Educacional, assim como a Escolar, foi deixando de ser uma corrente que buscava o ajustamento mecanicista dos alunos, baseada sumariamente no modelo clínico, para começar a construir-se sobre abordagens sistêmicas e interacionistas. Assume-se, portanto, a visão do ser humano como um ser em constante interação de construção, desconstrução e reconstrução com o seu meio. Segundo Maluf (apud VIANA, 2016, p. 56):

Num segundo momento, a Psicologia Educacional é vista como uma possibilidade teórica e prática para compreensão do desenvolvimento. Nesta época ocorreu uma grande influência dos estudos (interacionistas) de Binet, Claparède e Piaget.

A partir das contribuições de vários teóricos interacionistas, é possível repensar o papel da escola. Piaget, um dos psicólogos que mais contribuiu para mudanças nos debates sobre a aprendizagem, se opôs à coerção e ao uso de métodos coercitivos nos processos educacionais, afirmando ser esse o pior dos métodos pedagógicos. Outra temática central de seu trabalho foi a questão do papel ativo do educando e da aprendizagem prática e experimentada. Para ele: “Uma verdade aprendida não é mais que uma meia verdade, enquanto a verdade inteira deve ser reconquistada, reconstruída ou redescoberta pelo próprio aluno” (PIAGET, 1950, apud MUNARI, 2010, p.17).

Outro nome importante nesse momento foi Lev Vygotsky, sua teoria começou a surgir no Brasil no final da década de 70 com implicações para a forma de se fazer educação e psicologia. Seus pressupostos traziam as ideias de mediação, relação, cultura e construção sócio-histórica que apontavam uma estreita ligação entre aprendizagem e contexto social. Apresentava o ser humano como uma construção social e histórica, um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem que tem o seu

potencial ampliado ao ser inserido nas relações sociais, mediante ajuda e troca que há nessas relações. Esse conceito é conhecido como Nível de desenvolvimento potencial (VIANA, 2016).

De acordo com Vygotsky, a aprendizagem é o motor para o desenvolvimento intelectual. Para ele os fatores biológicos prevalecem sobre os sociais apenas nos primórdios da vida, mas posteriormente o ser humano depende das condições do ambiente e de suas interações sociais, sendo que cada criança tem sua maneira de absorver tal aprendizagem (COLE & SCRIBNER apud TURBAY, 2011).

Os trabalhos de Piaget e Vygotsky trouxeram a hipótese de uma relação entre a elaboração do conhecimento individual e os processos de elaboração do conhecimento coletivo, no sentido em que a aprendizagem acontece em um campo de trocas de experiências e saberes. É importante frisar que a escola tem um papel fundamental na vida de uma criança em desenvolvimento. Ao trabalhar, além do conteúdo curricular, os conhecimentos populares, culturais e questões relacionais e da socialização, a escola apresenta para as novas gerações uma parte do conhecimento reunido pela humanidade.

Nesse ponto cabe algumas definições sobre a Psicologia Escolar. Embora Psicologia Educacional, Psicologia da Educação e Psicologia Escolar sejam utilizadas às vezes de forma intercambiável, autoras como Viana (2016) e Antunes (2011) afirmam a necessidade de fazer diferenciações.

Conforme Viana (2016), a nomenclatura da área passou a ser objeto de reflexão a medida em que a Psicologia Escolar começou a repensar suas práticas e assumir um posicionamento mais crítico. Antunes (2011) explica que a Psicologia Educacional, ou da Educação, é uma subárea da Psicologia, que organiza seus saberes de forma sistemática referentes ao fenômeno psicológico nos processos educativos. A Psicologia Escolar, por sua vez, define-se pelo campo de atuação determinado, tendo por objeto a escola e a escolarização, utilizando-se de saberes da Psicologia Educacional e de outras áreas de conhecimento.

O trabalho da Psicologia Escolar, dentro da ótica tradicional, consistia em procurar as causas para a dificuldade de aprendizagem da criança principalmente nela mesma, ou seja, em sua personalidade, nas suas origens socioeconômicas e no seu contexto cultural. No entanto, em um terceiro momento, surge na Psicologia Escolar uma abordagem de perspectiva crítica para os problemas escolares, direcionando o olhar para as injustiças e problemas do próprio sistema educacional e da sociedade (SILVA & JUNIOR, 2020). Ao mesmo tempo, a psicologia construía uma nova identidade enquanto profissão defendendo o olhar interdisciplinar e biopsicossocial como um recurso fundamental na compreensão do ser humano. Há, então, uma tentativa de abandonar a lógica individualizante e voltar-se para a coletividade. (VIANA, 2016).

Abed (2016, p.11), destaca que não se trata de “descuidar dos conteúdos que compõem as grades curriculares das disciplinas escolares - que são muito importantes, mas de resgatar os demais aspectos do humano, reintegrando-o em suas múltiplas facetas constitutivas”. Dessa forma, aspectos humanos que sempre foram pensados separadamente são integrados, afirmando-se a necessidade de incluir as questões sociais e emocionais nas discussões sobre o desenvolvimento do aluno e o papel da escola.

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Definições

A integralidade do sujeito envolve aspectos do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo. De acordo com Wallon (1977), a emoção é o elo entre o orgânico e o social, e esse elo não sofre rupturas, ainda que haja intelectualização do sujeito. As emoções são um instrumento de sociabilidade, uma forma primitiva de comunhão que media e introduz o indivíduo no mundo humano e o vincula ao mundo físico (CANETTIERI, PARANAHYBA & SANTOS, 2021).

O trabalho de Wallon aponta para o papel das dimensões motora e afetiva como indissociáveis na aprendizagem e identifica as emoções como uma ponte, ou elo, que recebe e envia informações para o meio social, inserindo o indivíduo na comunidade. Considerado um dos pioneiros nos estudos da afetividade relacionada à educação, seu trabalho suscitou olhares de outros pesquisadores que se dedicaram ao estudo e desenvolvimento de teorias a respeito das emoções e sua relação com a aprendizagem.

Evidencia-se, por tanto, a necessidade de promover as habilidades socioemocionais no ambiente escolar. Elas estão relacionadas à melhora no desempenho escolar, ao desenvolvimento e aprendizagem global do indivíduo, sua saúde mental e emocional, e a construção de interações sociais sadias. O desenvolvimento dessas habilidades mostra-se intimamente relacionado ao bem-estar e ao enfrentamento de dificuldades. No entanto, o desafio de considerar a dimensão socioemocional na educação do sujeito e, intencionalmente, fortalece-la através das práticas pedagógicas, encontra diversos desafios. Abed (2016, p. 13) levanta algumas indagações:

O que são habilidades socioemocionais? Quais são elas? Quais deveriam ser contempladas pelo currículo escolar? É necessário mensurar o seu desenvolvimento nas instituições de ensino? Que instrumentos utilizar? Como dimensionar as relações entre o desenvolvimento socioemocional e a aprendizagem? Quais são os principais desafios envolvidos na promoção das habilidades socioemocionais na escola? De que recursos é necessário dispor para encarar esses desafios?

Há grande debate acadêmico em torno dessas questões. Primeiramente, mostra-se difícil enumerar com precisão todas competências socioemocionais potencialmente presentes na personalidade humana, bem como classifica-las por grau de importância.

O conceito de *socioemocional* também esbarra com dificuldades na tentativa de encontrar definição. Alguns autores utilizam o termo ‘habilidades sociais’, se referindo a um campo mais bem delimitado, estruturado e com arcabouço conceitual mais preciso. Tem ganhado campo de pesquisa no Brasil nas últimas décadas através de autores como Almir e Zilda Del Prette. As habilidades sociais dizem respeito às habilidades culturalmente aprovadas, aceitas e valorizadas na interação interpessoal e social, necessárias à boa gestão das relações: como as pessoas se percebem, se sentem, se expressam e se portam em uma interação com o outro, tanto em relação aos seus comportamentos, quanto a afetividade e suas expressões. Há, ainda, na literatura, autores que adotam termos como ‘habilidades psicológicas’ para tratar de habilidades interpessoais e intrapessoais, outros referem-se à ‘inteligência emocional’ aproximando-se dos demais conceitos e definições.

Del Prette e Del Prette (2005) estão entre os pioneiros no estudo das habilidades sociais no Brasil e sinalizam que as mesmas não são inatas, mas podem ser aprendidas e ensinadas em um contexto cultural de cooperação e comunidade. Para os autores, o desenvolvimento das habilidades sociais como as de comunicação, expressividade e desenvoltura nas interações sociais culminam em amizade, respeito e consideração, de forma geral, tornando a convivência mais harmoniosa e agradável. Esses autores definem como as habilidades sociais algo que:

[...] diz respeito aos efeitos de um desempenho social que articula pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as pessoas (p. 10).

Há diversas tentativas de quantificar e classificar as habilidades socioemocionais. Nesse caminho, algumas teorias e/ou autores têm ganhado maior visibilidade. Casel (2012 apud VERSUTI, *et al.*, 2020) define 5 habilidades a serem desenvolvidas na escola, as quais estão listadas abaixo. As mesmas 5 habilidades aparecem incluídas pelo MEC na BNCC – Base Nacional Comum Curricular entre 2017 e 2018, quando a mesma passou a assumir a compreensão da ação de educar como uma perspectiva para a formação integral do sujeito:

- Autoconhecimento: capacidade de reconhecer as próprias emoções e pensamentos e como isso influencia o comportamento do sujeito.
- Autorregulação: capacidade de regular as próprias emoções, pensamentos e comportamentos em diversas situações.

- Relacionamento Pessoal/Habilidades de Relacionamento: capacidade de estabelecer e manter relacionamentos saudáveis com diversos indivíduos e grupos.
- Consciência Social: capacidade de assumir a perspectiva do outro. Demonstrar empatia, incluindo aqueles de diversas origens e culturas.
- Tomada de Decisões Responsáveis: capacidade de fazer escolhas construtivas sobre comportamentos pessoais e interações sociais baseadas em padrões éticos, e normas sociais.

Em 2013 o Conselho Nacional de Educação - CNE (MEC) encomendou à UNESCO, um estudo sobre a inserção intencional de práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais na educação básica. Em um artigo publicado a partir desse estudo, Abed (2016) aponta para os 5 domínios presentes na teoria denominada *Big Five* como aquelas a serem desenvolvidas nos trabalhos de promoção de habilidades socioemocionais na escola:

- Openness (Abertura a experiências): estar disposto e interessado pelas experiências - curiosidade, imaginação, criatividade, prazer pelo aprender.
- Conscientiousness (Conscienciosidade): ser organizado, esforçado e responsável pela própria aprendizagem - perseverança, autonomia, autorregulação, controle da impulsividade.
- Extraversion (Extroversão): orientar os interesses e energia para o mundo exterior - autoconfiança, sociabilidade, entusiasmo.
- Agreeableness (Amabilidade - Cooperatividade): atuar em grupo de forma cooperativa e colaborativa - tolerância, simpatia, altruísmo.
- Neuroticism (Estabilidade emocional): demonstrar previsibilidade e consistência nas reações emocionais - autocontrole, calma, serenidade.

20

A palavra formada pelas letras iniciais de cada um dos cinco domínios do *Big Five* é *Ocean*. Chama atenção o fato de se tratar de uma excelente metáfora para falar das habilidades socioemocionais, que possuem aspectos de imensidão, oscilação, profundidade, abismo e mistério. Por vezes as emoções são como um espelho d'água tranquilo, mas podem se apresentar com uma tempestade imprevisível e intensa.

Del Prette e Del Prette (2005), partindo dos principais problemas interpessoais encontrados na infância, propõe um sistema de sete classes de habilidades sociais prioritárias ao desenvolvimento infantil, compostas de suas subclasses correspondentes. Nota-se a especificidade de cada classe, mas também a complementaridade e interdependência. De forma que nenhuma das competências deve ser negligenciada em um programa de formação escolar ou em uma intervenção psicoterapêutica.

- Autocontrole e expressividade emocional: Reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros, controlar a ansiedade, falar sobre emoções e sentimentos, acalmar-se, tolerar frustrações [...]
- Civilidade: Cumprimentar pessoas, despedir-se, usar locuções como: por favor, obrigado, desculpe; com licença, aguardar a vez para falar, fazer e aceitar elogios, seguir regras ou instruções, fazer perguntas, responder perguntas, chamar o outro pelo nome.
- Empatia: Observar, prestar atenção, ouvir e demonstrar interesse pelo outro, reconhecer/inferir sentimentos do interlocutor, oferecer ajuda/ compartilhar [...]
- Assertividade: Expressar sentimentos negativos (raiva e desagrado), falar sobre as próprias qualidades ou defeitos, concordar ou discordar de opiniões, fazer e recusar pedidos, lidar com críticas e gozações, pedir mudança de comportamento, negociar interesses conflitantes, defender os próprios direitos, resistir à pressão de colegas.
- Fazer amizades: Fazer e responde perguntas pessoais oferecendo informação livre (autorrevelação); sugerir atividade; cumprimentar, apresentar-se; oferecer ajuda, cooperar; iniciar e manter conversação ("enturmar-se") [...]
- Solução de problemas interpessoais: Acalmar-se diante de uma situação-problema; pensar antes de tomar decisões; identificar e avaliar possíveis alternativas de solução [...]
- Habilidades sociais acadêmicas: Seguir regras ou instruções orais, observar, prestar atenção, ignorar interrupções dos colegas, imitar comportamentos socialmente competentes, aguardar a vez para falar, fazer e responder perguntas, oferecer, solicitar e agradecer ajuda, cooperar e participar de discussões [...]

Dessa forma, embora se verifique certa dificuldade quanto às definições conceituais precisas em torno das habilidades socioemocionais, inúmeras pesquisas indicam os aspectos positivos e ganhos oriundo da implementação de programas de promoção dessas habilidades. Os estudos sobre habilidades socioemocionais iniciaram décadas atrás e se multiplicaram ao longo do tempo.

Os impactos no desenvolvimento

Abed (2016) situa nos primórdios das pesquisas, o estudo longitudinal do famoso economista James Heckman - Nobel da Economia em 2000, da Universidade de Chicago, que comparou dois grupos de sujeitos pertencentes a famílias de baixa renda, no estado americano de Michigan. Um dos grupos, participou do chamado programa “*Perry Preschool Project*”, na década de 60, voltado ao desenvolvimento socioemocional de crianças de 3 a 5 anos. O outro grupo, funcionou como grupo de controle e era formado por crianças com as mesmas características

sociodemográficas. A pesquisa de Heckman procurou demonstrar como a qualidade do desenvolvimento na primeira infância influencia os resultados econômicos, sociais e na saúde dos indivíduos na vida adulta, beneficiando a sociedade como um todo. Os resultados apontavam menores taxas de abandono escolar, desemprego, envolvimento em crimes e gravidez na adolescência.

À nível de desenvolvimento cognitivo e acadêmico, instituições como a *Mind Lad* do Brasil apontam para possíveis interrelações entre habilidades socioemocionais e a proficiência dos alunos em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. Os resultados das pesquisas sugeriram que a aplicação de um programa na escola aumentou a proficiência de alunos de 5º, 6º e 9º anos. Assim, se apresentam como um fator de proteção para o desenvolvimento do indivíduo e uma estratégia intencional para o sucesso estudantil e pessoal. Os resultados acadêmicos melhoram consideravelmente, aliados ao desenvolvimento da autorregulação e melhora na relação com a escola e os colegas. Há uma diminuição dos conflitos e estresses relacionados ao cotidiano escolar, promovendo maior sensação de bem-estar social (ABED, 2016, VERSUTI, *et al.*, 2020).

Há também estudos relacionando baixos níveis de competência social à transtornos psicológicos e à sinais de alerta para problemas futuros no desenvolvimento. Del Prette e Del Prette (2005) apontam que as dificuldades nas interações sociais podem ter como causa uma pobreza no repertório das habilidades como empatia, resolução de problemas, expressão das emoções, acompanhados de crenças e atribuições disfuncionais, impulsividade, baixa autoestima, entre outros.

Diante disso, as habilidades socioemocionais mostram-se essenciais para atender as demandas da sociedade e do mundo contemporâneo, pois o ser humano se encontra em constante interação social, tanto a nível familiar, quanto escolar e no mundo do trabalho. A infância e a adolescência são os períodos mais importantes na formação do indivíduo. É nesse momento que as habilidades socioemocionais precisam ser promovidas e reforçadas com maior intencionalidade, representando uma diminuição de comportamentos indesejados, como agressão física, verbal e conflitos em sala de aula, bem como o aumento de comportamentos pró-sociais, autoconhecimento e abertura para novas experiências, promovendo a melhora de diversos aspectos em termos de saúde mental.

A promoção de habilidades socioemocionais na escola

A maioria dos esforços em promover habilidades socioemocionais se concentra no âmbito escolar, visto que esse é um espaço altamente favorável para o desenvolvimento dessas habilidades por se tratar de um dos primeiros ambientes sociais das crianças, sendo determinante para sua formação como sujeito. Isso implica

que o professor tem papel fundamental. Assim, uma das principais escolhas dos programas de formação é capacitar os professores para que eles possam lidar com os conflitos, promover vínculos positivos e estimular comportamentos mais adequados e pró-sociais nos alunos, assim como neles próprios (OLIVEIRA, MUZSCAT, 2021, ABED, 2016).

Os professores tem papel central no contexto da sala de aula, visto que os alunos reagem às suas condutas e aprendem com elas, sendo uma figura de referência para os educandos. A formação continuada relacionada aos temas e demandas socioemocionais, mostra-se importante, já que as competências trabalhadas nos professores e alunos propiciam a redução de conflitos e da prática de bullying.

Através da formação continuada os professores sentem-se apoiados e encorajados a efetivar mudanças no cotidiano de suas práticas. Boas formações incentivam mudanças nos próprios professores, afetando dessa forma todo clima organizacional da escola. As intervenções que abrangem professores resultam também na diminuição de ameaças e punições, e aumento de comportamentos positivos e reforçadores, sugerindo que a promoção de habilidades socioemocionais, quando trabalhadas no contexto escolar, pode beneficiar não só os alunos, mas todos que estão inseridos nele.

Abed (2016) aponta um caminho através da mudança de visão sobre o papel do professor, bem como da valorização da construção de vínculos, do reconhecimento das múltiplas inteligências presentes nos educandos e do desenvolvimento da metacognição. Oliveira e Muzscat (2021) reforçam a ideia de que o preparo dos professores se dá por meio de profissionais que conheçam profundamente o campo das habilidades socioemocionais, como psicopedagogos e psicólogos. A formação prévia é fundamental para que não se trate apenas de mais um componente curricular, mas que a promoção de habilidades socioemocionais gere consequências práticas e duradouras, promovendo reflexões e pensamento crítico nos alunos. Assim, o Psicólogo Escolar pode atuar coordenando e acompanhando as atividades para mensurar os resultados, dar suporte na aplicação e pensar nas estratégias de manejo de forma personalizada para cada realidade.

Del Prette e Del Prette (2005) trazem uma abordagem sistêmica afirmando que quando a criança ingressa na escola, passa a transitar por dois microssistemas, que, por sua vez, constituem um sistema mais amplo, com normas e costumes em comum e particulares a cada um deles. Inicialmente a criança contará apenas com as habilidades trazidas do ambiente familiar, que geram reações e impressões em seus colegas. Por isso, a escola pode assumir um papel mais ativo nessa aprendizagem por meio de programas ou projetos de treinamento de habilidades sociais. Deve-se enfatizar a importância e ganhos de incluir os pais nas propostas escolares, pois todos

os envolvidos na educação e nos ciclos sociais da criança precisam cooperar para que a mensagem transmitida no percurso do aprendizado seja coerente.

Quando a criança está sob atendimento clínico em um programa de treinamento de habilidades sociais, o papel da família, da escola e dos companheiros não pode ser menosprezado. O processo terapêutico será muito mais efetivo se contar com o apoio de outros significantes para a manutenção e generalização dos seus efeitos (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2005, p.69).

O psicólogo escolar, a direção da escola e os professores precisam ter a família como parceira e aliada, garantindo-lhes as informações e esclarecimentos pertinentes.

O psicólogo escolar pode atuar em treinamentos para os pais e na orientação familiar, auxiliando nas questões relacionadas a formas de comunicação, estabelecimento de limites e regras e na própria compreensão, por parte dos pais, das particularidades do desenvolvimento infantil.

Além de definir e explicitar os objetivos da intervenção junto aos pais, cabe, ao psicólogo, informá-los sobre as etapas do processo e os procedimentos de intervenção adotados, bem como sobre os possíveis significados das mudanças de comportamento da criança. Dessa forma, há mais chances de adesão e da participação ativa dos pais no processo (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2005).

Além de investir no desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos alunos, a escola pode se transformar em um local privilegiado para o desenvolvimento socioemocional dos adultos: os professores, os gestores, os familiares dos estudantes. Alguns estudos mostram que programas de apoio aos pais dos estudantes podem reduzir os índices de criminalidade, violência, gravidez precoce, subemprego, entre outros (ABED, 2016, p.13).

Em suma, há diversas perspectivas e possibilidades a respeito da atuação do psicólogo escolar, mas foco do trabalho sempre deve abranger o fortalecimento de vínculos para promover saúde e favorecer o desenvolvimento dos alunos. É indispensável que o psicólogo escolar procure trabalhar envolvendo os diversos atores do processo educacional; alunos, professores, pais, merendeiras e funcionários da educação em geral, uma vez que a aprendizagem não se limita à sala de aula (DIAS, PATIAS & ABAID, 2014).

Programas e projetos de promoção de habilidades socioemocionais são diferenciais nas escolas que os adotam, mas deve-se tomar o cuidado de não resumir a proposta a mera aplicação de palestras ou acréscimo de conteúdo curricular. É necessário que habilidades socioemocionais sejam integradas aos valores e políticas escolares, bem como abordadas de forma relacional, experiencial e transdisciplinar, sensibilizando os alunos para valores promotores da vida, do bem estar e de boas relações interpessoais. Nesse sentido, ainda há grandes desafios a serem superados. Pois sabe-se que a educação no Brasil, especialmente a pública, é precária e os

professores desvalorizados. A realidade escolar vivenciada nas salas de aula é aquela em que faltam os recursos básicos ao aprendizado. Alunos e professores apresentam grande índice de desmotivação e os vínculos estabelecidos tornam-se frágeis e empobrecidos.

Além disso, as práticas escolares ainda são perpassadas por inúmeras contradições. Entre elas, a larga presença do modelo conteudista e tradicional objetivando exclusivamente o ENEM e o vestibular, priorizando apenas aspectos lógico-matemáticos na aprendizagem e o acúmulo de informações, desconsiderando a integralidade do aluno.

Versuti *et al.* (2020) apontam lacunas nas pesquisas que vem sendo realizadas na área educacional. Entre elas, a constante falta de um quadro referencial que trate dos termos, definições e conceitos acerca do que se deve entender por Habilidades Socioemocionais. Patto (2000, apud CANETTIERI, PARANAHYBA & SANTOS, 2021), partindo de uma perspectiva crítica da psicologia escolar, denuncia que a tentativa de uma “alfabetização emocional”, na maioria das vezes não inclui reflexões sobre as condições adversas que geram comportamentos indesejados, não questionando a dinâmica social e suas injustiças e colocando o peso de adaptar-se sobre o sujeito. Patto aponta para as bases liberais presentes nos objetivos e fundamentos desses programas. “Os fins últimos são o sucesso pessoal num mundo extremamente competitivo. Até mesmo o senso de cooperação é estimulado com foco nos ganhos individuais” (CANETTIERI, PARANAHYBA & SANTOS, 2021, p. 4).

Diante disso, o CFP (2019) discorre sobre as implicações éticas e o papel político-social da psicologia ante as desigualdades e injustiças sociais. O compromisso de uma atuação promotora da garantia de direitos e, conseqüentemente, de uma escola democrática torna-se parte inerente ao próprio fazer da psicologia enquanto profissão. Nesse sentido, qualquer tipo de prática, pesquisa ou intervenção precisa também considerar os atravessamentos históricos e políticos que formam o saber e a *praxis* educacional, pois não se pode compreender a educação sem inseri-la no contexto social.

A educação deve visar possibilidades de transformação, encorajando a autonomia indivíduo e sua capacidade crítica para persistir e conquistar novos espaços sociais. Por tanto, as habilidades socioemocionais não devem ser tratadas apenas como temática curricular, mas como dimensão constitutiva do ser humano que perpassa todos os ambientes e momentos das instituições educacionais.

DISCUSSÃO

A Psicologia, bem como o papel e atuação do psicólogo na educação, tem sofrido alterações ao longo da história. A escola deixou de ser apenas um ambiente

para preparo técnico e acúmulo de conteúdo para se tornar também um local de promoção de valores, educação psicoemocional e promoção de habilidades que contribuam para que o aluno se torne um cidadão consciente e participativo na sociedade. A psicologia interacionista assume que as habilidades socioemocionais são relevantes, tanto para a qualidade do desenvolvimento cognitivo, quanto emocional e social do indivíduo, afetando também o próprio ambiente/instituição escolar.

A construção da identidade da criança e adolescente e a construção de seus vínculos seguros envolve a comunicação, a expressão de emoções, entre outras habilidades necessárias às boas interações sociais, criando senso de segurança e harmonia. Dessa forma, o ambiente escolar torna-se propício a aquisição e desenvolvimento dessas habilidades, já que é onde as crianças estabelecem relações entre si e com o mundo. A saúde mental de crianças e adolescência sofre sérios prejuízos quando há pobreza em seus vínculos afetivos e repertório social.

Esta pesquisa teve por objetivo contribuir para a promoção das habilidades socioemocionais, a partir da atuação do Psicólogo Escolar, e permitiu compreender que promover as habilidades socioemocionais na escola é necessário e traz inúmeros ganhos, apesar dos desafios. O professor precisa ser um agente envolvido nessa empreitada, recebendo capacitação e preparo contínuo. Muitos professores e escolas, especialmente as da rede pública, tem dificuldades relacionadas a materiais e insumos básicos, por tanto, frequentemente a educação socioemocional acaba sendo preterida e negligenciada. Dessa forma, as diferenças entre o ensino público e privado acabam acentuadas.

Por fim, ao tratar das habilidades socioemocionais deve-se encorajar a formação de um sujeito consciente. As ações não devem seguir a lógica de ajuste comportamental e de padronização do indivíduo, mas devem ter como objetivo promover reflexões que possam modificar e transformar a escola. São necessárias aproximações em busca de um trabalho cooperativo entre os alunos, a equipe educadora, os funcionários, também olhando para as relações familiares e buscando o envolvimento dos pais. Assim, considerando a questão de pesquisa, o psicólogo escolar tem lugar de destaque promovendo diálogo e formação de todos os atores da escola, pois a aprendizagem não se encerra na sala de aula e nos conteúdos curriculares, aprende-se no dia a dia. Todos na escola têm emoções e estabelecem vínculos, seja com a instituição, com o conhecimento e com outras pessoas. Portanto, para o psicólogo escolar tratar das habilidades socioemocionais de maneira efetiva, é preciso considerar todos os que atuam e constroem o ambiente escolar em sua integralidade.

Destaca-se a importância de serem feitas novas pesquisas na intenção de preencher as lacunas presente no campo de discussão e, principalmente, para

subsidiar uma prática efetiva e contextualizada por parte dos psicólogos e profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção psicopedagógica**, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia e Educação no Brasil: uma análise histórica. In: AZZI, R.G; GIANFALDONI, M.H.T.A. (orgs.) **Psicologia e educação**, v. 1, p. 9-32, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BOCK, A.M.B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologias. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CANETTIERI, Marina Kurotusch; PARANAHYBA, Jordana de Castro Balduino; SANTOS, Soraya Vieira. Habilidades socioemocionais: da BNCC às salas de aula. **Educação & Formação**, v. 6, n. 2, 2021.

CFP, Conselho Federal de Psicologia (Brasil). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica** / Conselho Federal de Psicologia. 2. Ed., Brasília: CFP, 2019.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda AP. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2005.

DIAS, Ana Cristina Garcia; PATIAS, Naiana Dapieve; ABAID, Josiane Lieberknecht Wathier. Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, p. 105-111, 2014.

MUNARI, Alberto. **Jean Piaget**. Tradução e organização: Daniele Saheb. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

OLIVEIRA, Patricia Vieira de; MUSZKAT, Mauro. Revisão integrativa sobre métodos e estratégias para promoção de habilidades socioemocionais. **Revista Psicopedagogia**, v. 38, n. 115, p. 91-103, 2021.

SILVA, Pedro Antônio Borges; JUNIOR, João Camilo Souza. Psicologia escolar: reflexões sobre os desafios na atuação profissional. **Cadernos da FUCAMP**, v. 19, n. 37, 2020.

TURBAY, J. S. A Psicologia da educação aplicada em uma turma durante um período escolar confrontando a teoria e a prática. In: **Revista eletrônica dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis OPET**. nº06, 2011.

VASCONCELOS, C.; PRAIA, J.F.; ALMEIDA, L.S. Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências: da instrução à aprendizagem. In: **Revista Psicologia Escolar e Educacional**. vol.7, nº 1, jun. 2003.

VERSUTI, Fabiana Maris *et al.* Habilidades socioemocionais e tecnologias educacionais: revisão sistemática de literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 28, p. 1086-1104, 2020.

VIANA, M.N. Interfaces entre a Psicologia e a Educação: Reflexões sobre a atuação em Psicologia Escolar In: VIANA, M.N; FRANCISCHINI, R. **Psicologia Escolar: que fazer é esse?** 1ª ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.